

## Apresentação

Carolina Martínez <sup>1</sup> e Renato Menezes <sup>2</sup> (organizadores)

A constatação de que nossa existência na Terra – seja enquanto sociedade, seja enquanto espécie – é efêmera ou ao menos contingente foi um dos efeitos de maior impacto dos últimos dois anos, marcados pelo confinamento motivado pela pandemia de Covid-19<sup>3</sup>. Desta certeza derivam outras. Se a restrição de circulação nas cidades forçou a redescoberta das complexidades do ambiente doméstico e a relativização da escala do mundo (a um só tempo ampliada pelos meios de transporte e reduzida pelas ferramentas de conexão de internet), a interrupção repentina das atividades econômicas e industriais tornou evidente o perigo que a continuidade dos modelos extrativistas e produtivistas atualmente imperantes representam para o planeta<sup>4</sup>. Durante os primeiros meses de isolamento social, adotado como principal medida visando a contenção do número de contágios pelo novo coronavírus, ficou claro o potencial regenerativo da natureza, para o qual a atividade humana constituiria o principal obstáculo. Países do mundo inteiro, com raras exceções (em que se inclui o Brasil), registraram uma redução significativa na emissão de dióxido de carbono (CO<sub>2</sub>),<sup>5</sup> conferindo à essa percepção sensível uma verificação científica irrefutável.

Ao mesmo tempo (e além dos efeitos paliativos da crise sanitária sobre o meio ambiente), é impossível negar que as origens e desenvolvimento da pandemia se encontram vinculados à aceleração da crise climática experimentada nos últimos tempos. Como notou Bruno Latour, a crise sanitária que atravessamos deve ser compreendida como parte de uma crise maior, a saber,

---

<sup>1</sup> Carolina Martínez é doutora em História pela Universidade de Buenos Aires (UBA) e pela Universidade de Paris 7 Diderot. Atualmente, realiza sua pesquisa na área da história da cartografia da primeira modernidade no CONICET e desempenha-se como professora da UBA e da Universidad Nacional de San Martín, na Argentina. Contato: [carolina.martinez@unsam.edu.ar](mailto:carolina.martinez@unsam.edu.ar)

<sup>2</sup> Renato Menezes é doutorando em história e teoria da arte pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS, Paris). Foi Grad Intern no departamento curatorial do Getty Research Institut e é professor do MASP Escola. Co-organizador de "França Antártica: ensaios interdisciplinares".

<sup>3</sup> MARTÍNEZ, M. de la Luz Casas. "Enseñanzas de la pandemia COVID-19. El reencuentro con la vulnerabilidad humana", **BIOETHICS UPdate**, Vol. 6. Issue 2, pp. 80-91 (July - December 2020). DOI: 10.1016/j.bioet.2020.09.001; GUIZADO, Remberto Ortega. "La pandemia del Covid-19 como experiencia límite del sentido de la existencia del ser humano posmoderno", **Sophia**, Colección de Filosofía de la Educación, n.º. 30, pp. 273-296, 2021.

<sup>4</sup> Estes modelos foram questionados por representantes da sociedade científica e civil no marco da recente Conferência das Partes (COP 21) reunida em Glasgow. Sobre o impacto do extrativismo na ordem mundial das próximas décadas, ver: FORNILLO, Bruno. **Sudamérica Futuro: China global, transición energética y posdesarrollo**. Buenos Aires: Editorial El Colectivo y CLACSO, 2016.

<sup>5</sup> LE QUÉRÉ, Corine, JACKSON, Robert B., JONES, Matthew W. [et al]. "Temporary reduction in daily global CO<sub>2</sub> emissions during the COVID-19 forced confinement", **Nat. Clim. Chang.** 10, 647–653, 2020. <https://doi.org/10.1038/s41558-020-0797-x>

aquela nascida do novo regime climático e suas consequências sobre o planeta<sup>6</sup>. Essa conjunção de crises que marcam nosso tempo tem provocado uma transformação profunda nos modos de apreensão da natureza e no sentido especulativo de observação da Terra, orientada, em grande medida, pelas novas tecnologias de captura de imagens em alta definição via satélite, mas também pelo declínio da confiança depositada pelo homem ocidental na ideia de modernidade. Essas transformações, de que somos todos testemunhos, acrescentam uma camada de significado ao que, no dossiê ora apresentado, chamamos de “imagens da Terra/imagens terrestres”.

Com a expressão “imagens da Terra/imagens terrestres”, propomos a abertura de um campo de reflexão interdisciplinar em que os dispositivos de observação e descrição da superfície da Terra (as imagens da Terra) se tornam indissociáveis do exercício de reflexão sobre a multiplicidade das formas de vida de seus habitantes (as imagens terrestres). Seja literal ou metaforicamente, elaborar imagens da Terra implica em tomar distância dela, o que nos leva a admitir que elas não são consubstanciais nem permanentes, mas estão histórica e contextualmente determinadas. Isto fica particularmente evidente nas abordagens privilegiadas pelos autores dos artigos aqui reunidos, pois mostram como a produção de imagens que circularam em contextos históricos precisos ou dentro de disciplinas específicas foi mobilizada por diferentes conceitos de Terra. Longe de pretender esgotar o tema, através da apresentação de alguns casos concretos, o dossiê procurou ser um ponto de partida ou disparador para o leitor interessado em abordar a produção de outras imagens terrestres, também determinadas cultural e historicamente.

De forma singular e a partir de disciplinas variadas, os artigos do presente dossiê refletem, justamente, a pluralidade de representações e imagens do orbe terrestre, posto que exploram as metáforas, analogias, alegorias e discursos sobre a terra e suas diferentes partes em temporalidades e contextos diversos. Cobrindo um arco temporal amplo, que vai da Antiguidade Clássica até as primeiras décadas do século XXI, os trabalhos aqui reunidos examinam a produção de imagens literárias e visuais do mundo, suas transformações, adaptações e circulação

---

<sup>6</sup> LATOUR, Bruno. **After Lockdown: A Metamorphosis**. Cambridge: Polity Press, 2021.

em suportes materiais diversos, atestando que as “imagens da Terra/imagens terrestres” não é uma categoria estanque, mas, ao contrário, uma possibilidade interpretativa sob a qual se organizam múltiplos gêneros literários e iconográficos. As crônicas e relatos de viagem produzidos no contexto da expansão transoceânica europeia, a retórica do mundo natural e o gênero pastoril herdados da Antiguidade Clássica, a cartografia medieval e suas produções na primeira época moderna, as gravuras que ilustram os frontispícios de obras de caráter geográfico assim como os croquis, carros alegóricos e fantasias carnavalescas refletem não somente a diversidade de produções culturais nas quais cronistas, literatos, cosmógrafos, cartógrafos e artistas plasmaram suas próprias imagens da Terra, mas também a pluralidade temática desta coletânea de artigos.

É nesse sentido que, por meio deste dossiê, a *Figura* convida seus leitores a examinar, a partir de enfoques provenientes de diferentes disciplinas – tais como a história cultural, história da cartografia, história da arte, estudos literários e artes cênicas – a multiplicidade de imagens literárias e visuais construídas em torno do globo. Dos possíveis elementos de reflexão propostos nos artigos aqui organizados destacam-se, entre outros, os condicionantes políticos e econômicos por detrás da elaboração de certas imagens cartográficas, as tensões entre a experiência do Novo Mundo, o saber livresco e as interpretações dos modelos clássicos, os mecanismos de apropriação de certas imagens e impermanência de seus sentidos, e a utilização de formatos e gêneros específicos para expressar uma determinada visão do mundo. Esses elementos de reflexão aparecem nos artigos de Chet van Duzer e Brenda Degger, que se debruçam sobre a produção cartográfica das potências coloniais europeias na primeira modernidade; aparecem também nos artigos de Laura de Mello e Souza, Deyse Fabrício e Antonio Carlos Vitte e Leonardo Augusto Bora, que se dedicam a estudar os processos de “tradução” e interpretação de experiências de exploração e colonização em novos modelos explicativos, gêneros e formatos; aparecem ainda no artigo de Maya Suemi Lemos e Rafael Viegas, que realizam uma exegese do gênero pastoral antigo e sua reaparição na primeira modernidade.

Se, entretanto, o leitor optar pela leitura individual de cada artigo, será encontrado no ensaio de Laura de Mello e Souza uma síntese de sua vasta pesquisa sobre a permanência dos *topoi* clássicos relativos ao Inferno que nas Américas, e em especial no Brasil, encontraram terreno fértil

para a sua proliferação. Já o artigo de Maya Suemi Lemos e Rafael Viegas investiga os usos políticos e sociais a que as figuras retóricas do ambiente pastoril elaboradas na Antiguidade Clássica serviram em contextos específicos na Europa moderna. Por outro lado, o artigo de Deyse Fabrício e Antonio Carlos Vitte analisa as tensões sofridas pelas teorias medievais do ecúmeno durante o período de expansão colonial europeia nas Américas. Chet van Duzer, em seu ensaio, analisa como as escolhas iconográficas das cartelas dos mapas se constituem uma parte vital do discurso colonialista da primeira modernidade. Seguindo o texto de van Duzer, Brenda Degger propõe uma exegese das imagens relativas ao Novo Mundo e das alegorias da América, apresentando possíveis vínculos entre estas figuras e o repertório iconográfico da tradição clássica. Por fim, encerra o dossiê o artigo de Leonardo Augusto Bora, que analisa os diálogos que a carnavalesca Rosa Magalhaes estabelece com as narrativas de viagem e as gravuras produzidas no contexto da expansão transoceânica europeia na primeira modernidade.

Sem dúvidas, a existência de “fios condutores”, eixos de reflexão ou pontos de contato entre os artigos direcionaram o modo através do qual eles foram organizados neste dossiê. Trata-se, no entanto, de uma sugestão de leitura que não implica, de forma alguma, uma abordagem *sui generis* dos textos. Em vez disso, convidamos o leitor a percorrer os artigos a partir destes eixos ou guias com o objetivo de tomar uma distância crítica de suas próprias imagens terrestres e contrasta-las com aquelas produzidas em outros espaços e temporalidades. A tarefa emula, não por acaso, o labor do cosmógrafo, encarregado de descrever o mundo e suas partes como se estivesse fora dele.<sup>7</sup>

\*\*\*

A organização deste dossiê na *Figura* não teria sido possível sem a colaboração e as enriquecedoras contribuições dos autores dos artigos. A Antonio Carlos Vitte, Brenda Degger, Chet Van Duzer, Deyse Fabrício, Laura de Mello e Souza, Leonardo Augusto Bora, Maya Suemi Lemos e Rafael Viegas dirigimos nossos mais sinceros agradecimentos. Nossa mais profunda gratidão se estende também a Fernanda Marinho e Evelyne Azevedo, editoras da revista, pela interlocução permanente e ajuda inestimável. Agradecemos especialmente à Professora Rosa Magalhães e à Alessandra Cadore, pelo entusiasmo com que acolheram nossa ideia de usar o croqui da porta-bandeira-via-láctea como imagem de capa deste número, e pela generosidade com que nos autorizam realizar esta ideia.

---

<sup>7</sup> LESTRINGANT, Frank. “Ouverture. La méditation cosmographique, une méditation entre deux livres”. In: AA.VV., **Les méditations cosmographiques à la Renaissance**, Paris, PUPS, 2009, p. 8; MARTÍNEZ, Carolina. “Antiguos y modernos en la construcción de una nueva imagen del mundo. El auge del género cosmográfico en el siglo XVI”, **Eadem Utraque Europa**, n. 20, año 15, 2019, p. 67: “En el siglo XVI la cosmografía fue concebida como un ejercicio de reflexión y descripción del espacio terrestre a partir de su observación desde los círculos celestes.”